

CRÍTICA LITERÁRIA I

A POESIA ERÓTICA DE BUCHANAN

Francisco de Assis Florêncio (UERJ)
ff017066@gmail.com

INTRODUÇÃO

O nosso trabalho tem por objetivo traduzir e analisar um poema de teor erótico composto pelo ilustre humanista George Buchanan. O *carmen* em estudo faz parte de um conjunto de cerca de vinte poemas endereçados a uma prostituta denominada Leonora que vivia, assim como muitas de suas contemporâneas, à caça dos jovens estudantes da Universidade de Coimbra. Antes, porém, traremos à tona alguns dados que julgamos vitais para a compreensão do poema e do contexto histórico em que ele foi produzido. O primeiro deles diz respeito à Biografia do autor. A partir da vida do poeta, passamos a apresentar a sua extensa bibliografia, que, com exceção de *Ane Admonitioun direct to the trew Lordis Mintenars of Justice* e *Obedience to the Kingis Grace*, foi composta exclusivamente em latim. Por fim, separamos um capítulo para dissertar sobre a poesia erótica de Buchanan.

GEORGE BUCHANAN: VIDA E OBRA

George Buchanan, um dos mais ilustres humanistas do século XVI, nasceu em Stirlingshire, na Escócia, em 1506 e, desde a mais tenra idade, travou conhecimento com a língua latina. Isso se deu principalmente porque a Escócia não demorou a reconhecer a importância do ensino do latim para os seus pupilos, e já em 1496 um Ato Educacional, que garantia subsídios para estudantes, especialmente para os filhos dos nobres, foi aprovado. De família tradicional, era filho de Agnes Heriot e de Thomas Buchanan, que era descendente da respeitável e pródiga família Buchanan de Buchanan. Apesar desse histórico, a família de George Buchanan fica, após a falência do avô e da morte do pai, entregue à sorte. Seu tio materno, James Heriot, preocupado em ajudar sua irmã, que naquela ocasião ficou com a responsabilidade de cuidar de oito filhos, envia a Paris, em 1520, o jovem Buchanan, a fim de que pudesse dar continuidade aos seus es-

tudos. Porém, em 1522, em razão da sua fraca saúde e do falecimento do tio, vê-se obrigado a retornar à terra natal. Restabelecida a saúde, Buchanan, em 1523, alista-se nas forças do Duque de Albany, que liderou um frustrado ataque à Inglaterra. Após um outro período de enfermidade, ele se matricula, em 1525, na *St Andrews University*. Em 1527, ingressa como bacharel na Universidade de Paris e, em 1528, obtém o grau de mestre em Artes. Depois de formado, ministrou, por quase três anos, o ensino de gramática no colégio de Santa Bárbara, onde fez amizades com célebres mestres, em especial, André de Gouveia, sobrinho de Diogo de Gouveia, diretor da instituição. Embora gozasse de boas amizades e liberdade de pensamento, a situação financeira do jovem mestre não era das mais satisfatórias, o que o levou a compor o poema *Quam misera sit conditio docentium litteras humaniores Lutetiae*.

A sua situação financeira só começa a melhorar quando ele se torna tutor do jovem Gilbert Kennedy, conde de Cassillis, sobrinho de William Kennedy, abade de Crossraguel. No intuito de melhor ensinar latim ao jovem conde, Buchanan verteu para o latim a gramática de Tomás Linacre, que foi publicada em 1533. Nas eleições do Reitor de Sorbona, em 1534, ele, graças à sua cultura greco-latina, começa a ser reconhecido por seus compatriotas e se torna procurador da nação alemã pela secção escocesa.

A sua veia satírica vem à tona quando, numa viagem à Escócia, em companhia do conde, envolve-se em discussões partidárias, civis e religiosas, campo propício para o aparecimento daquele que é considerado o mais célebre de seus poemas satíricos: *Franciscanus*. Cai, então, nas graças do rei Jaime V, que o torna preceptor do seu filho bastardo, Lord James Stuart, e faz uso desta obra para atacar os Franciscanos, a quem considerava mancomunados com os seus inimigos. Além desta obra, Buchanan compõe ainda mais duas obras de espírito satírico: *Somnium e Palinodiae*. Vendo, porém, após a morte da filha do monarca, que este estava colhendo frutos amargos por ter desafiado uma ala tão significativa da Igreja, decide regressar à França, na esperança de encontrar apoio em Santa Bárbara. Não recebendo aí a acolhida desejada, parte para Bordéus, onde se reencontra com o diretor do Colégio de Guiana, André de Gouveia, que lhe confia a primeira classe de gramática e, depois a cátedra de grego ou de artes, que foram ocupadas por ele até julho de 1543. Nesse período

CRÍTICA LITERÁRIA I

do, floresce em sua veia o gênero dramático e ele escreve quatro peças: *Medea*, *Alcestis*, *Baptistes* e *Jephthes*.

Embora feliz em Bordéus, Buchanan retorna a Paris no final de 1543 e se torna professor no Colégio do Cardeal Lemoine.

Apesar de já gozar de boa reputação na França, o poeta resolve deixá-la e, em 1547, na companhia de André de Gouveia e outros colegas, parte para Portugal para se tornar mestre no Real Colégio das Artes, em Coimbra. Tranqüilamente ministrava aulas às turmas de latim e grego quando, em 1550, ele e outros dois colegas foram acusados pelo Tribunal da Inquisição de idéias e práticas heterodoxas. Após ser interrogado, a sua sentença foi passar seis meses no mosteiro de São Bento, em Xabregas, a fim de expiar os seus pecados com pios exercícios e outras coisas úteis para sua salvação. Recebeu liberdade condicional em 1551 e, em 1552, já livre, deixa Portugal em um navio cretense com destino à Inglaterra. Vasto foi o material produzido por Buchanan em terras portuguesas. Quando preso, produziu a obra que veio a eternizá-lo, *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*, embora provavelmente ele não a tenha concluído em Portugal. Além desta obra, o solo português também lhe serviu de fonte de inspiração para a composição de cerca de 20 poemas elegíacos de teor erótico, que versam sobre duas prostitutas, Leonora e sua mãe Peiris, onde se ouve constantemente os ecos de muitos autores clássicos. A fim de mostrar um pouco do *ingenium* deste poeta, escolhemos um poema que retrata bem o *modus vivendi* destas prostitutas que circulavam por Coimbra no tempo de Buchanan.

Por fim, compôs sátiras injuriosas contra Beleago, um colega seu em Coimbra, e alguns epigramas satíricos.

Em 1552, de volta à França, torna-se professor do Colégio de Boncourt, onde mantém contato com membros da Plêiade, impressionando-os com o seu vasto conhecimento de Catulo e suas obras.

Em 1554, ele se encontra ligado à casa do conde de Brissac, marechal da França, como tutor de seu filho Timoléon.

Retorna à Inglaterra no fim da década de cinqüenta e passa a viver sob o patronato de William Cecil, que manda publicar vários poemas seus e de outros poetas de igual quilate.

Em 1561 ele está de volta à Escócia e a serviço da rainha Mary Stuart. Grato, ele compõe um *Epithalamium* para comemorar o casamento dela com o Delfin François, a quem homenageia nas *Siluae* 4 e, após a morte deste, nas *Siluae* 5. Na terra natal, Buchanan se tornou protestante e, de 1563 a 1566, foi membro da Assembléia Geral da Igreja Reformada. Nessa época, as suas atividades seculares se dividiam entre a corte e o *Leonard's college* em *St Andrews*. Naquela, trabalhava como tradutor de documentos em espanhol. Neste, como diretor. Após se tornar tutor do futuro rei, o jovem James VI, ele passa a ser considerado o escocês mais erudito de seu tempo. Embora continuasse a escrever versos, na maioria das vezes, de natureza ocasional, passa, a partir de 1576, a alçar vãos mais altos e produz uma gramática latina e uma obra paradidática, *Rudimenta Grammatices* e *De prosodia libellus*, ambas para serem usadas nas escolas escocesas. Nessa época, a pena do vate trabalha incansavelmente, vindo à tona mais duas grandes obras para a educação do jovem príncipe: *Rerum scoticarum historia* e *De iure regni apud Scotos*, um diálogo sobre os direitos e deveres do príncipe. Apesar do seu furor literário, um ambicioso projeto, *De Sphaera*, um poema epo-didático iniciado na França, não é concluído.

Dois anos antes de sua morte, que ocorre em 1582, Buchanan escreve sua autobiografia. Para a posteridade fica um grande exemplo de uma pessoa que cultivou sempre a arte de fazer amigos, o que se evidencia principalmente em sua poesia, onde amigos, colegas e patronos aparecem constantemente como fonte de inspiração.

OS POEMAS ERÓTICOS DE BUCHANAN

Conforme pudemos perceber, Buchanan era um escritor de muitos contrastes e os seus poemas eróticos, que parecem ter sido escritos durante sua permanência em Portugal, tinham um tom radicalmente oposto ao das Paráfrases dos Salmos. Sobre a existência real da pessoa a quem os poemas foram endereçados, Leonora, nada existe de concreto, nota-se, porém, que a sua maneira de ser é bem definida pelo poeta, graças principalmente ao interesse deste em seu passado biográfico. Ela e sua mãe são apresentadas como prostitutas que corrompem a juventude coimbrã: "... Vos Conimbricae scholae/Scopuli, iuventutis lues..." (Iambi 2.29-30). Leonora, filha de uma

CRÍTICA LITERÁRIA I

prostituta que se tornou alcoviteira (Piérída), permaneceu casada até o dia em que sua insaciável ganância levou seu marido às colônias portuguesas na Índia. Possuía uma filha que, segundo ela, era fruto de uma aventura sua com um franciscano. Embora, no início de sua “carreira”, prestasse favores aos franciscanos, passou, mais tarde, a se “dedicar” a qualquer um que pagasse pelos seus préstimos, conforme comentário do prof. Maurício: “... sem se importar muito que os clientes sejam lentes do Colégio das Artes, estudantes, cozinheiros, porqueiros, marujos ou carrejões...” (Maurício, p. 316). Seu excesso de maquiagem reflete sua duplicidade e falsidade; é velha e pouco atrativa; apesar de sua feiúra, consegue, graças a sua vasta experiência na área sexual, arrebanhar muitos jovens que desejam apenas satisfazer a sua sede de sexo. Muitos destes temas já estavam presentes na poesia greco-latina, mas, a despeito da aparência convencional da personagem de Leonora, ela é bastante convincente, principalmente nos poemas iâmbicos, onde, graças ao vigor da descrição e à estreita relação de Leonora com o ambiente de Coimbra, ela vem à vida.

Embora muitos dos temas supracitados não sejam novos, a figura da prostituta raramente tem papel principal no mundo antigo. Para os poetas da Antologia Grega, ela é vista simplesmente como alguém que faz parte da vida cotidiana, e, embora ocasionalmente seja requisitada, seu personagem raramente é descrito com muitos detalhes. Entre os escritores romanos, a *domina*, *amica* ou *puella* do poeta é geralmente algum tipo de cortesã (com exceção, é claro, da Lésbia de Catulo). Ela é a *lena* que suporta o impacto da ira do poeta por tentar obter deste sempre um “dinheirinho” a mais, como nos exemplos de Ovídio, Amores 1.8; Propércio 4.5; Tibulo 1.5. Já Juvenal, em suas seis sátiras, não mostra tanto interesse pelas prostitutas quanto mostra pelas *dominae* patrícias. Os cômicos romanos, Especialmente Plauto, são os que mais se preocuparam em descrever a *meretrix* e a *lena*, mas no caso da primeira designação, pelo menos, ela é normalmente vista como um personagem amável, com exceção da interesseira *Phronesium*, no *Truculentus*. Já em Buchanan, a prostituta Leonora é retratada nos mínimos detalhes, sejam eles físicos ou morais. Por fim, vale ressaltar que Buchanan é altamente consciente, em seus poemas eróticos, do conceito de *decorum*, no qual a escolha do metro é de importância fundamental.

O poema, que passaremos a partir de agora a analisar, traduz bem a maneira direta, hiperbólica e vituperativa com que o poeta se dirige à pessoa da prostituta. Ele consiste da descrição de uma Leonora já bem distante de seus dias de glória e de uma expressão de surpresa da parte do poeta por tê-la amado e desejado. Finaliza o poema com uma dedicatória dos símbolos de sua servidão aos deuses da razão e agradece-lhes pelo retorno ao perfeito juízo, seguindo, assim, os passos do poeta Horácio na Ode 1.5.

IN LEONORA

Miniata labra, sordidae creta genae
Hiatus oris indecens
Rictu canino, putridi dentes, pares
Mammae caprinis utribus,
Lacinosi gutturis deformitas, 5
Sulcique laterum pinguium,
Crassoque venter extumens abdomine,
Ego vos amavi? Brachiis
Fovi, refovi, et fatigavi meis
Viscata labra basiis? 10
Plebi lupanar prostitutum sordidae
Vocare amores pertuli?
O fraus, amorque, et mentis emotae furor,
Et impotens impetus,
Quo me abstulistis? Vindices Erinnyes, 15
Quo vapulavi crimine
Vestrum ad tribunal? Non enim Cupidinis
Dolui sagitta saucius,
Sed vestra adustus, vestra adustus lampade,
Furore vestro insanii. 20
Ergo pudendis liberatus vinculis,
Meique iuris redditus,
Sanctae Saluti sospitatrici meae
Et has catellas ferreas,
Monumenta duri serviti, et tabellulam 25
Hanc sanitatis indicem
Per eam receptae, et memoris animi pignora
Dono, libensque dedico. 28

A LEONORA

Lábios avermelhados, pó de sórdidas faces, a indecente abertura de uma boca com seu sorriso canino, dentes podres, suas mamas como úberes de cabras, a feiúra dos dois lados do queixo e as banhas das suas late-rais; o ventre inchado em um gordo abdômen, eu vos amei? Eu vos aca-

CRÍTICA LITERÁRIA I

riciei e voltei a vos acariciar em meus braços; fatiguei os teus sedutores lábios com meus beijos? Consegui chamar de meu amor um bordel de prostitutas para gente sórdida? Ó fraude e amor, ó paixão de uma mente perturbada e impulso desenfreado, para onde me levaste? Ó vingadoras Erínias, por que crime eu fui açoitado diante de vosso tribunal? Com efeito, ferido, não lamentei a flecha de Cupido, mas, queimado pela vossa tocha, pela vossa tocha, enlouqueci por causa da vossa fúria. Por isso, livre das amarras que me traziam vergonha, e de volta à razão, eu dou e alegremente dedico à sagrada Saúde, minha salvadora, estas cadeias de ferro, lembranças de minha dura servidão, e este escrito, que indica a volta da minha sanidade graças a ela, penhor de um coração agradecido.

COMENTÁRIOS

A descrição nas sete primeiras linhas é particularmente amarga e violenta e tem muito em comum com Horácio, Épodas 8. 7-10:

*Sed incitat me pectus et mammae putres,
Equina quales ubera,
Venterque mollis et femur tumentibus
Exile suris additum.*

Não há nenhuma preocupação aqui em amenizar as críticas à prostituta. Na verdade o poeta pretende demonstrar a sua habilidade como conhecedor da arte de difamar, procurando constantemente por imagens sinistras que resumem sua antipatia e sua repugnância física por Leonora. Embora tenha sido vítima, num passado não muito distante, da hedionda meretriz, o vate nos apresenta agora uma visão de uma prostituta velha e nua, ficando a maior parte de sua anatomia exposta ao olhar crítico do leitor. O professor Domingos Maurício assim comenta os versos iniciais deste poema:

As composições a Leonor sucedem-se, depois, num incessante ma-soquismo de rebaixamento dos dotes físicos e morais da infeliz mercenária, coberta de tintas e europeis e disposta a todo o meretrício de sarjeta, com uma única preocupação, o dinheiro... (Maurício, p. 316.)

Contudo, a descrição se torna mais cruel ainda se levarmos em conta o fato de o poema ser endereçado diretamente a Leonora, destruindo qualquer tipo de ilusão que ela possa ter a respeito de si mesma. As incrédulas perguntas de retórica (linhas 8-17), refletindo sobre o súbito retorno do poeta à razão e sobre a sua completa percepção daquilo de que ele escapara, são reminiscências de Catulo.

Algumas palavras, graças ao seu alto teor erótico, merecem destaque. A primeira a ser comentada por nós é *Hiatus* (2º verso), aqui traduzida por “queixo”. Significando, em seu sentido próprio, “abertura da boca”, esta palavra possui outro significado secundário, *laxus cunnus*, que pode ser encontrado em Marcial 3. 72. 5: “infinito lacerum patet inguen hiatus” e no *Corpus Priapeorum* 12. 13: “qui tanto patet indecens hiatus”.

A segunda palavra é *gutturis* (5º verso), genitivo de *guttur*, cujo sentido próprio é “garganta” ou “goela”. No sentido figurado, porém, era usada para se referir à vagina e ao reto, como nos exemplos de Plauto (Aul. 304): “Etiamne obturat inferiorem gutturem...” e de Marcial 11. 21. 10: “et quam urpe Ravennatis guttur onocrotali.”

O verbo *fovi* e o seu composto *refovi* (9º verso) também são dignos de comentário. No sentido denotativo, o verbo *fovere* significa “aquecer”, “esquentar” e, no sentido físico e moral, “acalantar”; aqui, porém, ele se reveste de uma acepção predominantemente erótica: do sentido figurado “acariciar”, este verbo passou a ser empregado em contextos eróticos, como em Tibulo 1. 6. 6: “iam Delia fur-tim/nescio quem tacita callida nocte fovet”; e no *Corpus Priapeorum* 83.25, ele claramente se refere à masturbação: “puella nec iocosa te levi manu/fovebit”.

No que concerne às divindades presentes no poema, vê-se que elas traduzem integralmente as várias fases vividas pelo poeta durante sua aventura amorosa. Na primeira fase, ele é atingido pela flecha de Cupido e se torna escravo de uma louca paixão. A escolha de *Cupido* com certeza não é por acaso, uma vez que este vocábulo, derivado do verbo *cupere*, servia para designar o tipo de sentimento que o poeta nutria pela prostituta: um amor violento e sensual, correspondente ao grego *Ερωξ*.

Já a presença das Erínias, que corresponde à segunda fase, serve para demonstrar o estado a que chegou o poeta por se envolver com tão sórdida prostituta. Também chamadas de Fúrias, eram três deusas que puniam, com a sua tocha e loucura, os crimes daqueles que escapavam ou zombavam da justiça pública. Por fim dedica o poema à deusa *Salus*, divindade tipicamente romana, por tê-lo salvo daquela situação constrangedora e vexatória. Vejamos o que diz o ilustre lente português sobre estes versos: “Embora felizmente

CRÍTICA LITERÁRIA I

consequisse alforriar-se, por cuja fortuna ofereceu, em *ex-voto*, as cadeias que o haviam agrilhoado à divindade salutar que o libertara:” (Maurício, p. 314).

BIBLIOGRAFIA

BUCHANANUS. *Opera Omnia*. Apud Johannem Arnoldum Lange-rak. Lugduni Batavorum 1725.

ERNOUT, A. & MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. 4ª ed. Paris: C. Klincksieck, 1959. XIII, 820p.

HORACE. *Odes and Epodes*. Edited and translated by Niall Rudd. London: Loeb Classical Library, 1989.

LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A latin dictionary*. London: Oxford University Press, 1996.

MARTIAL. *Epigrams, I. Spectacles, books 1-5*. Translated by D. R. Shackleton Bailey. London: Loeb Classical Library, 1990.

OVID. *Volume I. Heroides. Amores*. Grant Showerman, Translator. Revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1990.

PLAUTUS. *The Marchant. The Braggart Warrior. The Haunted house. The Persian*. Translated by Paul Nixon. London: Loeb Classical Library, 2001.

PRIAPEA. *Die Gidichte des Corpus Priapeorum lateinsch und deutsch*. Carl Fischer (translator). Salzburg, Residenz, 1969, 156 p.

PROPERTIUS. *Elegies*. Translated by G. P. GOOLD. London: Loeb Classical Library, 1989.

CATULLUS. TIBULLUS. PERVIGILIUM VENERIS. Translator F. W. Cornisa. Translator J. P. Postgate. Translator J. W. Mackail. Revised by G. P. Goold. London: Loeb Classical Library, 1989.

SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. *Buchanan e o ambiente Coimbrão no século XVI*. Lisboa: Humanitas, XV e XVI, 1963-4, p. 261-327.